

Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

**EXPERIÊNCIAS PRÉVIAS, PERCEÇÃO DE VINCULAÇÃO AOS PAIS E
IDEALIZAÇÃO DA RELAÇÃO EM ADOLESCENTES ADOTADOS**

Vanessa Araújo Vieira Coelho

Junho 2015

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia Clínica e da Saúde, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora Maria Barbosa Ducharne (FPCEUP).

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Esta dissertação apresenta-se em formato de artigo, com vista à submissão a uma revista científica – *Psicologia Clínica*, facilitando assim a divulgação dos resultados deste estudo à comunidade científica.

Este estudo faz parte de uma investigação mais abrangente sobre “Dinâmicas familiares em adoção e desenvolvimento do adolescente adotado” e foi desenvolvido em articulação com os projetos de Doutoramento em Psicologia de Joana Cordeiro Elias Neves Ferreira, “Construção da identidade em adolescentes adotados: impacto das relações familiares e da comunicação sobre a adoção” e de Raquel Fernanda Castro Barroso, “Preditores individuais e familiares da experiência de perda e do ajustamento psicológico do adolescente adotado”. A referida investigação encontra-se em curso no âmbito do GIIA – Grupo de Investigação e Intervenção em Acolhimento e Adoção na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP), sob a orientação da Professora Doutora Maria Barbosa-Ducharne, sendo financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia através do Centro de Psicologia da Universidade do Porto das bolsas de Doutoramento atribuídas às doutorandas. Recebeu a aprovação da Comissão de Ética da FPCEUP e da Comissão Nacional de Proteção de Dados (autorização 3226/2013) e para a sua concretização foi assinado Protocolo de Colaboração específica entre o Instituto de Segurança Social (ISS, IP) e a FPCEUP.

O presente estudo contribui para o enriquecimento da investigação mais abrangente, na medida em que incide na análise de uma variável específica, a saber, a vinculação do adolescente adotado aos pais por adoção.

Dada a integração do presente estudo no projeto de investigação mais lato acima referido, o artigo científico que será submetido a publicação a uma revista científica internacional, indexada na *Scopus*, incluirá a colaboração de outros autores. Por conseguinte, serão coautores da publicação as doutorandas do projeto: Raquel Barroso e Joana Ferreira, e a orientadora do mesmo.

Não poderia concluir esta etapa sem antes agradecer e deixar o meu reconhecimento a quem, ao longo deste meu percurso, contribuiu para o meu crescimento pessoal e profissional.

A todas as famílias que nos receberam em sua casa e que partilharam a sua história, mesmo quando os conteúdos abordados nas entrevistas exploravam assuntos mais sensíveis.

À minha orientadora, a Professora Doutora Maria Barbosa Ducharne, que me fez apaixonar pelo tema da adoção, através do seu entusiasmo, dedicação e paixão por este tema. Obrigada pela partilha e pela disponibilidade. Obrigada por sempre ter uma palavra de apoio e de incentivo.

À Joana pela partilha, colaboração e principalmente pelo sorriso constante, mesmo nos momentos mais difíceis deste projeto. Obrigada por me teres acompanhado nesta caminhada, e por todo o conhecimento que partilhaste comigo.

À Raquel, que me ajudou em todos os momentos desta jornada, não por obrigação, mas sim por ser uma das pessoas mais altruístas que já conheci. Aprendi muito contigo, obrigada por nunca me teres deixado desistir!

À Ana e à Armanda, por terem partilhado comigo os últimos dois anos neste projeto. Obrigada pelo apoio e pela amizade.

À Andreia, à Joana, à Adriana e à Rita, por me terem acompanhado durante os cinco anos do curso, não poderia ter escolhido melhor companhia. Obrigada pelo companheirismo, pela amizade, pelas gargalhadas e pelo apoio.

Ao Hernandez, pelo amor, amizade e compreensão. Obrigada por sempre me incentivares a lutar pelos meus sonhos e me fazeres acreditar que sou capaz.

À minha querida irmã Débora, por sempre acreditar em mim, e por me ter ensinado quase tudo o que sei. Obrigada pelo companheirismo e pelo apoio constante.

À minha mãe, que é a melhor do mundo, por tudo o que sempre fez por mim e pelo exemplo que é. Tudo o que consegui foi graças a ti. Muito obrigada.

Resumo

O desenvolvimento de vínculos entre os pais adotantes e os filhos adotados é reconhecido como tarefa essencial da família adotiva. Alguns elementos da história da criança, prévios à adoção, têm sido identificados como fatores que influenciam a relação de vinculação pais adotantes/filhos adotados. O presente estudo pretende caracterizar a percepção de vinculação aos pais de adolescentes adotados e identificar o impacto das experiências prévias. Participaram neste estudo 50 famílias adotivas, cujos filhos são adolescentes com idade entre 12-22 anos. Os dados acerca da relação com os pais foram recolhidos junto dos adolescentes recorrendo a uma metodologia mista, através da versão portuguesa do *Inventory of Parent and Peer Attachment (IPPA)* e da *Entrevista a Adolescentes Adotados (EAA)*. A *Entrevista sobre o Processo de Adoção (EPA-A)* aplicada aos pais permitiu identificar as experiências prévias à adoção. Embora os dados do IPPA apontem para uma vinculação segura, com pontuações elevadas de confiança e comunicação e baixas de alienação, sem associação com as experiências prévias à adoção, a análise do discurso dos participantes na EAA, permitiu identificar indicadores de insegurança nesta relação. Estes resultados são evocadores de alguma idealização da relação com os pais adotivos e/ou incapacidade de reconhecer as fragilidades desta relação.

Palavras-Chave: adoção, vinculação, relação pais adotantes/filhos adotivos, história prévia, idealização

Abstract

The development of bonds between adoptive parents and their adopted children is recognized as an essential family task after adoption. Some life experiences prior to adoption have been described as having influence in attachment relationships between adopted adolescents and their adoptive parents. The present study aims to characterize the perception of attachment to parents in adopted adolescents, and identify the impact of the experiences prior to adoption in these relationships. Fifty adoptive families participated in this study, with adoptees age ranging between 12 and 22 years old. Data were collected with adolescents using a mixed methodology, through the *Inventory of Parent and Peer Attachment (IPPA)*, and the *Adopted Adolescent Interview (EAA)*. The Parent's Interview about the Adoption Process (EPA-A) administered to parents allowed the identification of the adolescents' experiences prior to adoption. Although IPPA data shows a secure attachment, with high scores in trust and communication, and low scores in alienation, and no association to previous experiences, participant's speech analysis in EAA allowed the identification of insecurity indicators in these relationships. The results suggest that the adopted adolescents in this study may tend to idealize the relationships they establish with their adoptive parents and/or show the incapability of recognizing the weaknesses of the relationship.

Key-words: adoption, attachment, parent/children relationships, prior to adoption history, idealization

A teoria da vinculação afirma a necessidade universal do ser humano desenvolver ligações afetivas de proximidade ao longo da sua vida, promotoras de segurança que lhe permita explorar o mundo em redor, e determinantes na construção do conceito de si, do outro e da relação (Ainsworth & Bowlby, 1991; Bowlby, 1973, 1980, 1982). A vinculação é, portanto, conceptualizada como o laço emocional experienciado com o outro, que é percebido como porto seguro e base segura, e é caracterizada pela tendência para procurar e manter a proximidade a uma figura específica, particularmente em situações geradoras de *stress* (Ainsworth & Bowlby, 1991; Bowlby, 1973, 1980, 1982).

As experiências emocionais vivenciadas na relação com os pais na infância contribuem para a construção de modelos internos dinâmicos de representação de si e do outro, que orientarão a ação do sujeito em futuras relações de proximidade (Bowlby, 1988; Waters & Cummings, 2000). Quando há sensibilidade e responsividade por parte das figuras cuidadoras na relação com a criança, são proporcionadas condições para o desenvolvimento de uma vinculação segura. Este tipo de vinculação oferece condições para um desenvolvimento ótimo da relação do indivíduo com os outros, permitindo uma melhor integração no meio. Pelo contrário, quando estas condições não são satisfeitas, a criança poderá desenvolver uma vinculação insegura, apresentando dificuldades no desenvolvimento emocional, de regulação emocional e integração interpessoal (Bowlby, 1973, 1988). Assim, crianças que crescem num ambiente familiar estável e previsível apresentam maior probabilidade de desenvolver uma vinculação segura, sendo que por outro lado, quanto mais descontínuo e imprevisível é o ambiente familiar, maior probabilidade terá a criança de desenvolver uma vinculação insegura.

Apesar de na adolescência haver um crescente desejo de autonomia na relação com os pais, verificando-se uma crescente valorização da relação estabelecida com os pais e da relação romântica (Allen & Land, 1999), são as experiências precoces no contexto familiar que servirão de modelo representacional que guiará a ação do indivíduo nas relações de proximidade futuras (Ávila, Cabral & Matos, 2010; Matos & Costa, 2006). Para além disto, a maioria dos indivíduos continua a nomear os pais como figuras de vinculação importantes, mesmo enquanto jovens adultos (Fraley & Davis, 1997), demonstrando a importância do estudo da relação pais/filhos depois da infância.

Steele e Steele (2005) demonstram que uma forma eficaz de avaliar a vinculação dos adolescentes poderá ser através da coerência do discurso e da forma como estes organizam a informação acerca da relação com as suas figuras significativas. Assim, o adolescente que desenvolveu uma vinculação segura, deverá ser capaz de recordar interações passadas e

ilustrar/exemplificar o seu ponto de vista, construindo uma narrativa verdadeira, coerente, sem momentos de contradição. Na descrição que faz da relação com as figuras de vinculação, identifica características positivas e negativas, descritas de uma forma profunda, demonstrando, a compreensão por parte do adolescente de sentimentos complexos relativos aos pais. Para além disto, a capacidade de identificar e compreender emoções na relação com o outro também aparece relacionada com a segurança na vinculação (Steele & Steele, Croft, & Fonagy, 1999; Steele & Steele, 2005).

Uma outra abordagem para avaliar a vinculação em adolescentes é sugerida por Armsden e Greenberg (1987). Estes autores adotaram um modelo multidimensional, em que consideram que a segurança na vinculação poderá ser avaliada através de três dimensões: confiança, comunicação e alienação. As dimensões de confiança e comunicação estão fortemente relacionadas com a segurança na relação de vinculação, na medida em que incluem a segurança de que a figura de vinculação compreende e respeita os seus desejos, e a perceção de que esta é sensível e responsiva aos seus estados emocionais. A dimensão da alienação aparece associada à insegurança, uma vez que remete para experiências emocionais negativas e para a distância emocional relativamente a figuras de vinculação pouco empáticas e (não)responsivas.

O estudo destas relações na adolescência torna-se ainda mais pertinente em adolescentes cuja história de vida se vê marcada por negligência, maus-tratos, abandono e desproteção, que culmina na separação das suas famílias biológicas e integração numa nova família, como é o caso dos adolescentes adotados (Grant-Marsney, Grotevant, & Saye, 2015).

1.1 Especificidades das relações de vinculação no contexto da adoção

A partir do momento em que existe a integração de um filho numa família através da adoção, uma das tarefas mais importantes a dar resposta será a formação e o desenvolvimento de vínculos emocionais até esse momento inexistentes. Todavia, a história prévia destes adolescentes não desaparece com a chegada à nova família e o processo de vinculação com os seus novos pais ver-se-á, em parte, mediado pelas experiências precoces e pela história de vida destes adolescentes (Román & Palacios, 2011). De facto, a literatura descreve uma quantidade substancial de problemas relacionados com a vinculação na chegada da criança à família adotiva, que podem inclusive perdurar no tempo (e.g. Escobar, Pereira & Santelices, 2014; Escobar & Santelices, 2013; Van IJzendoorn & Juffer, 2006).

Contudo, e uma vez que não é o estatuto de adoção em si que influencia o estabelecimento de relações de vinculação, são identificados vários fatores relativos à história prévia à adoção com impacto na qualidade da vinculação do filho adotado aos pais adotantes, a saber, a idade de adoção, o tempo em acolhimento, o tipo de acolhimento, as experiências vividas na família biológica e a possibilidade da adoção conjunta de irmãos.

1.1.1 Idade de adoção

As crianças que são adotadas em idades mais avançadas mostram frequentemente comportamentos contraditórios para com os seus pais adotivos, oscilando entre complacência, dependência, passividade e desistência, por um lado, e rejeição, hostilidade e provocação, por outro. Estes comportamentos podem tornar difícil a construção de uma relação de vinculação e o sentimento de pertença à família adotiva (Steele, Hodges, Kaniuk, & Steele, 2010). De facto, a meta-análise de Van den Dries, Juffer, van IJzendoorn, e Bakermans-Kranenburg (2009) pôs em evidência o papel desempenhado pela idade de adoção na segurança nas relações de vinculação dos adotados. Os resultados obtidos por Howe (2001) são consistentes com os desta meta-análise, uma vez que com uma amostra de 439 participantes, verificou que os adotados numa idade precoce tinham mais probabilidade de sentir que fazem parte da família adotiva. Os adotados tardiamente reportaram sentir menos amor por parte da família adotiva do que os adotados numa fase precoce, estabelecendo também menos contacto com a família na idade adulta. Pace, Zavattini e Tambelli (2015), avaliaram a vinculação de crianças adotadas tardiamente através do desenho da família, e verificaram que estas crianças demonstram maiores níveis de insegurança nas categorias de vinculação do que os pares não adotados.

Apesar disto, alguns estudos também têm demonstrado que as crianças e jovens adotados tardiamente poderão estabelecer e recuperar padrões de vinculação seguros ao longo do tempo de permanência na família adotiva (e.g. Chisholm, 1998; Pace & Zavattini, 2011).

1.1.2 Tipo e período de acolhimento

A preocupação dos investigadores relativamente às repercussões negativas do acolhimento nos adotados foi estimulada pela acentuação crescente da adoção internacional, em que muitas crianças adotadas chegavam às novas famílias após experiências de marcada privação ocorridas em instituições no seu país de origem (Palacios & Brodzinsky, 2010).

Mesmo quando as crianças recebem bons cuidados no que diz respeito à integridade física, o acolhimento institucional não pode proporcionar experiências que facilitem uma vinculação seletiva, íntima e estável, que o contexto familiar torna possível (Berástegui & Gómez, 2009). As necessidades básicas das crianças são atendidas de forma razoavelmente adequada nestes contextos, mas a resposta às suas necessidades psicológicas é muito mais limitada. Em muitos casos, os altos raios de crianças por cuidador, as múltiplas trocas de turno dos profissionais, as reduzidas interações com adultos e o limitado comprometimento emocional dos cuidadores repercutem-se negativamente nas relações emocionais estabelecidas por estas crianças (Román & Palacios, 2011).

Assim, crianças que passam um período relativamente duradouro em acolhimento residencial poderão não desenvolver uma vinculação seletiva (Howe, 2003), manifestando comportamentos amistosos e de sociabilidade indiscriminada (Chisholm, 1998; Román & Palacios, 2011). Com objetivo de analisar a construção da relação de vinculação pais-filhos através da adoção, Chisholm (1998) procedeu a um estudo comparativo entre três grupos de crianças: (1) crianças adotadas após pelo menos 8 meses em acolhimento institucional na Roménia; (2) crianças adotadas sem história de acolhimento e; (3) crianças que nunca se separaram da sua família de nascimento. Os resultados demonstraram que o grupo de crianças adotadas após acolhimento institucional apresentavam uma maior presença de padrões de vinculação inseguros comparativamente aos restantes grupos. Avaliações seguintes evidenciaram um aumento de padrões de vinculação segura neste grupo, demonstrando que é possível a recuperação com o tempo de permanência na família adotiva.

De facto, Vorria, Ntouma, Vairami e Rutter (2015) verificaram que é possível recuperar a segurança na vinculação pais/filhos em adotados com história de acolhimento, uma vez que a maioria das crianças inicialmente classificadas como inseguras, apresentaram uma vinculação segura na adolescência.

Apesar de a investigação acerca das repercussões do acolhimento na vinculação se ter centrado na sua maioria no acolhimento residencial, os resultados obtidos por McLaughlin, Zeanah, Fox e Nelson (2012), sugerem que a colocação de crianças em famílias de acolhimento facilita o desenvolvimento de relações de vinculação seguras, em crianças que foram anteriormente acolhidas em instituições.

1.1.3 Descontinuidade dos contextos de acolhimento e cuidado

Antes de serem adotadas, muitas crianças têm uma trajetória irregular no que diz respeito aos contextos de cuidado. Muitas vezes a história de vida destes inclui a passagem

pela família biológica, diversas instituições e/ou famílias de acolhimento. Contudo, ao longo destas transições, estas crianças estabelecem muitas vezes relações significativas e de apoio com diversos indivíduos (e.g. família de acolhimento, profissionais de acolhimento residencial, amigos/pares, etc.). A retirada destas residências temporárias para que a criança seja adotada, dá ao jovem uma casa permanente, mas frequentemente fá-lo à custa de cortes em relações importantes. Na verdade, o esforço realizado para manter as relações da criança com estas figuras significativas é muito reduzido, mesmo que estas representem uma fonte de segurança emocional para a criança (Brodzinsky, 2011). Boswell e Cudmore (2014) fazem notar que, frequentemente, crianças com história de acolhimento familiar prévio à adoção, não tornaram a visitar a família de acolhimento durante pelo menos 3 meses após a chegada à família adotiva, sendo que em algumas situações, o contacto foi cortado definitivamente.

Apesar da maior parte dos estudos relativos à influência da descontinuidade dos contextos de desenvolvimento nas relações de vinculação se centrarem essencialmente em transições múltiplas entre famílias de acolhimento, é evidente que estas transições de contexto prejudicam a continuidade de laços de vinculação essenciais para a criança, com impacto negativo na vinculação aos pais na adolescência (Gauthier, Fortin, & Jeliu, 2004).

1.1.4 Experiências com a família biológica

A história de vida dos adotados vê-se muitas vezes marcada por experiências de maus-tratos, abuso e negligência por parte da família biológica. Crianças com histórias de maus-tratos, abuso ou negligência por parte de cuidadores primários sentem-se frequentemente desamparadas ou assustadas e poderão desenvolver um determinado número de estratégias de controlo, eficazes em mantê-las desligadas de um cuidador hostil ou negligente. Nesta situação, as crianças tentam assegurar a sua própria segurança e sobrevivência não permitindo que as figuras negligentes ou hostis ocupem o papel de cuidadores. Na experiência destas crianças, deixar que cuidem de si é perigoso, quer seja porque a figura de vinculação é assustadora ou está assustada, ou ambas (Howe, 2003).

Assim, muitas crianças e jovens com história de abuso, maus-tratos e negligência recorrem a estratégias de controlo nas relações com os seus novos cuidadores, continuando num modo de sobrevivência constante e preferindo controlar do que ser controlado. Mesmo quando um cuidador seguro e protetor está disponível, estas crianças estão incapazes de confiar ou aceitar os seus cuidados, e as tentativas de proteção e cuidado por parte dos pais

adotivos são vividas pela criança com sentimentos de confusão e *distress* (Howe, 2003; Román & Palácios, 2011).

1.1.5 Adoção múltipla

Apesar da investigação neste tópico ser limitada, o estudo de Román, Palácios, Moreno, e Lopez (2012) verificou que os adotados que vivenciaram adoções múltiplas apresentam menos indicadores de insegurança e desorganização na vinculação do que em adoções simples, refletindo o papel protetor dos irmãos no desenvolvimento emocional na adoção. É possível que o desenvolvimento de uma vinculação significativa com um irmão biológico, que se mantém no meio da descontinuidade do contexto de cuidado, introduza uma certa estabilidade que amortiza o efeito negativo da adversidade prévia nas relações de vinculação (Román & Palacios, 2011).

O estudo da influência da história prévia e das experiências acima descritas nas relações de vinculação estabelecidas com os pais em adolescentes adotados mostra-se pertinente, uma vez que esta influência tem sido documentada pela literatura. Apesar da maioria dos estudos existentes utilizar crianças como amostra, avaliar as relações de vinculação em adolescentes adotados constitui algumas vantagens, uma vez que por esta altura os adolescentes já terão tido tempo para consolidar as relações com os seus pais, estando estas, em princípio, mais estáveis.

Para além disto, na adolescência o jovem passa por transições e mudanças importantes a nível cognitivo, emocional e comportamental, que permitem uma visão mais ampla das relações que estabelece com os outros, sendo capaz de reconhecer aspetos positivos e negativos das mesmas. Importa também referir que as relações que os adolescentes estabelecem atualmente com os pais servirão de modelo para as relações estabelecidas com os pares (que vão crescendo em importância nesta fase desenvolvimental), tornando-se relevante verificar se estas relações com os pais conferem ao jovem modelos representacionais positivos acerca de si e dos outros que permitam o estabelecimento de relações saudáveis.

Assim, esta investigação tem como principais objetivos verificar o impacto da história prévia à adoção na perceção de vinculação em adolescentes adotados e caracterizar a qualidade destas relações de vinculação aos pais. Tendo em conta a investigação revista, é esperado que a história prévia à adoção dos adolescentes adotados exerça influência na vinculação aos pais adotivos. Uma vez que as dimensões de confiança e comunicação estão

fortemente associadas à segurança das relações, e a alienação à insegurança, espera-se que os adolescentes adotados participantes obtenham resultados indicadores de maior insegurança quando comparados com uma amostra genérica de adolescentes portugueses. É igualmente esperado que os adolescentes com idade de adoção tardia, com história de longos períodos de acolhimento, descontinuidade nos contextos de cuidado e experiências adversas na família biológica, obtenham resultados inferiores nas dimensões de confiança e comunicação, e elevados na dimensão de alienação. Pelo contrário, é esperado que os adolescentes que foram adotados com um ou mais irmãos biológicos na mesma família, apresentem um padrão de resultados invertido, pela ação protetora da adoção múltipla.

2. Método

2.1 Participantes

Participaram no estudo 50 famílias adotivas (72% das quais são biparentais) cujos filhos são adolescentes e foram adotados há mais de um ano. A tabela 1 apresenta a distribuição do grupo dos adolescentes participantes em função do sexo e da idade no momento da recolha de dados, bem como de variáveis relativas à história prévia à adoção (idade de adoção, tempo de adoção, tempo na família biológica, tipo e tempo em acolhimento, tipo de experiências na família biológica). Vinte e quatro adolescentes (48%) foram adotados juntamente com pelo menos um irmão biológico.

“Inserir tabela 1”

Uma figura parental pertencente a cada família participou igualmente no estudo. Foi selecionado para participar o pai ou a mãe, consoante havia maior proximidade ao adolescente (na perspetiva do próprio) ou maior disponibilidade de tempo. Por conseguinte, participaram 34 mães (68%) e 16 pais (32%). Na sua totalidade, estes tinham, em média 49.53 anos ($DP = 6.30$) e tinham completado 12.82 anos de estudo ($DP = 4.71$).

2.2 Instrumentos

Foram utilizadas duas medidas para a recolha de dados junto dos adolescentes adotados: a versão portuguesa do *Inventory of Parent and Peer Attachment - IPPA* (Neves, Soares e Machado, 1993; adaptado de Armsden & Greenberg, 1987), e a Entrevista a

Adolescentes Adotados - EAA (Ferreira, Barroso, & Barbosa-Ducharne, 2013, adaptada da *Adopted Adolescent Interview*, do MTARP (1996-2000). Com os pais adotivos foi unicamente realizada a *Entrevista sobre o Processo de Adoção* - versão para Pais de Adolescentes - EPA-A (Barbosa-Ducharne, Barroso, & Ferreira, 2012).

O IPPA (Neves, et al, 1993) é um instrumento de autorrelato que permite avaliar a qualidade das relações de vinculação dos adolescentes aos pais (pai e mãe separadamente) e pares, adequado para participantes com 12 ou mais anos. Neste estudo foi apenas utilizada a versão dos pais constituída por 25 itens distribuídos em 3 dimensões: confiança (e.g. “*A minha mãe aceita-me tal como sou.*”), comunicação (e.g. “*Gosto sempre de saber a opinião da minha mãe sobre coisas que são importantes para mim.*”) e alienação (e.g. “*Tenho vergonha ou acho patético falar dos meus problemas à minha mãe.*”). Cada item é avaliado numa escala *Likert* de seis pontos (do *Nunca ou quase nunca* ao *Sempre ou quase sempre*).

A EAA (Ferreira, et al, 2013) permite explorar as experiências, sentimentos e atitudes do adolescente adotado em relação à sua história de adoção. Neste estudo foram apenas consideradas algumas questões que dizem respeito à qualidade das relações aos pais adotivos.

A EPA-A (Barbosa-Ducharne, et al, 2012) permite explorar diversas temáticas relacionadas com o processo de adoção. No contexto específico deste estudo, esta medida será utilizada para identificar e caracterizar a história do adolescente, prévia à adoção. Foi também selecionada uma pergunta para análise qualitativa.

2.3 Procedimento

No âmbito de um protocolo de colaboração específica para a investigação, o Instituto da Segurança Social, Instituto Público (ISS, IP), procedeu à identificação das famílias adotivas que cumpriam os critérios de seleção da amostra, a saber: ter um filho adolescente adotado há mais de um ano. Os profissionais do Serviço de Adoção que tinham acompanhado as famílias identificadas realizaram um primeiro contacto, com vista a averiguar a receptividade das mesmas para participar no estudo. Nos casos em que as famílias se mostraram disponíveis foram agendadas entrevistas no domicílio.

Previamente à condução das entrevistas, os pais adotivos assinaram um consentimento informado, aquiescendo a permanência dos investigadores na casa da família e a participação sua e dos seus filhos. Os adolescentes preencheram igualmente um consentimento informado, manifestando aceitação em participar no estudo. As entrevistas

aos pais e ao adolescente foram realizadas em simultâneo, por entrevistadores diferentes, assegurando a confidencialidade da informação recolhida.

No que diz respeito à análise de dados foi usada uma metodologia mista, integrando procedimentos quantitativos e qualitativos. Os dados quantitativos recolhidos foram analisados através do *Statistical Package for Social Sciences*, versão 22.0 para Windows. Os procedimentos estatísticos incluíram a análise estatística descritiva através de medidas de tendência central, medidas de dispersão e frequências. Procedeu-se também à comparação de médias através do teste *t* de *student*, à comparação de grupos recorrendo à análise de variância a um fator, *One-Way ANOVA* e à análise da associação entre variáveis através do coeficiente *r* de *Pearson*. Todas as variáveis foram exploradas em termos do estudo da normalidade e dos pressupostos inerentes aos testes estatísticos usados e sempre que os mesmos não se encontravam satisfeitos, foram realizados os testes não paramétricos equivalentes. Quando os resultados dos testes não paramétricos coincidiram com os resultados dos testes paramétricos, foram reportados estes últimos, seguindo a recomendação de Martins (2011).

A análise dos dados qualitativos foi realizada a partir do sistema sugerido por Bardin (2011). Desta forma, a análise de conteúdo foi dividida em três momentos: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

A pré-análise implica a organização e seleção do material. Assim, foi realizada a transcrição integral das entrevistas e, após uma primeira leitura, iniciou-se a exploração e seleção do material. Posteriormente foi realizada a codificação do material a partir do qual emergiu um sistema de categorias.

Foram selecionados 6 participantes que apresentam pontuações elevadas nas dimensões de confiança e comunicação, e pontuações baixas na alienação, de modo a realizar uma análise qualitativa dos dados, no sentido de perceber melhor a qualidade destas relações de vinculação. A seleção dos excertos das entrevistas procura captar a mensagem subjacente ao discurso sobre a temática, de forma a possibilitar uma comparação entre a informação recolhida numa entrevista semiestruturada e as pontuações obtidas num instrumento de resposta em escala, como o IPPA.

Importa referir que as transcrições integrais das entrevistas utilizadas foram lidas por um segundo juiz. Assim, o sistema de categorias inicial foi discutido e reformulado para uma maior aproximação ao discurso dos participantes.

Por fim, os resultados foram tratados e interpretados à luz das teorias existentes, permitindo algumas inferências e interpretações (Bardin, 2011).

3. Resultados

Seguidamente serão apresentados os resultados obtidos, seguindo uma linha que permita caracterizar as percepções de vinculação dos adolescentes adotados aos seus pais adotivos, procedendo-se à comparação destes valores com os valores obtidos por uma amostra alargada. Inicialmente serão explorados os resultados relativos às dimensões de confiança, comunicação e alienação apresentados pelos adolescentes adotados e amostra comparativa. Será também explorado o impacto da história prévia à adoção na vinculação aos pais. Por fim, com o objetivo de caracterizar mais detalhadamente a qualidade da relação dos adolescentes adotados com os seus pais adotivos, serão apresentados os resultados relativos à análise qualitativa de excertos das entrevistas realizadas a 6 adolescentes adotados e respetivas mães, que obtiveram pontuações elevadas nas dimensões de confiança e comunicação, e baixas na alienação.

3.1 Caracterização da percepção de vinculação dos adolescentes adotados

Na tabela 2 são apresentadas as medidas descritivas das subescalas do IPPA, separadamente para a mãe e pai. A análise de dados revelou que os adolescentes adotados percebem elevada confiança e comunicação na sua relação com o pai e com a mãe. Por outro lado, os valores de alienação encontrados são baixos. Verificou-se que não existem diferenças significativas entre as respetivas subescalas do IPPA, para a mãe e para o pai.

“Inserir tabela 2”

Foram realizados testes t para amostras independentes para verificar se os adolescentes adotados diferem nas suas pontuações nas subescalas do IPPA, em função do sexo. Não foram encontradas diferenças significativas entre os participantes do sexo feminino e os participantes do sexo masculino no que diz respeito às pontuações obtidas na dimensão de confiança, quer para a figura materna, $t(48) = 1.15$, $p = .25$, ns, quer para a figura paterna, $t(40) = 1.42$, $p = .16$, ns. O mesmo acontece para a dimensão da comunicação, não existindo diferenças entre os dois grupos quer para a escala da mãe, $t(48) = 1.05$, $p = .30$, ns, quer para a escala do pai, $t(40) = 1.01$, $p = .32$, ns. Os valores relativos à dimensão da alienação demonstraram que os respondentes do sexo feminino apresentam uma maior alienação à mãe, do que os respondentes do sexo masculino, $t(48) = -2.09$, $p = .04$, $d = -0.60$, IC a 95% [-6.46; -0.04]. Porém, o mesmo não acontece em relação à subescala de alienação

do pai, na medida em que não foram encontradas diferenças significativas entre as médias dos dois grupos, $t(40) = -1.34, p = .19, ns$.

Com o objetivo de perceber se os adolescentes participantes apresentam valores semelhantes ao de outros adolescentes portugueses, comparou-se o valor obtido em cada uma das dimensões do IPPA da nossa amostra, com uma amostra de 341 adolescentes (Barroso & Barbosa-Ducharne, *submitted*).

Verificou-se que existem diferenças significativas em todas as dimensões. Os adolescentes adotados apresentam valores superiores na dimensão de confiança na escala da mãe ($M = 50.16, DP = 8.61$), comparativamente aos participantes do estudo de Barroso e Barbosa-Ducharne (*submitted*), ($M = 46.62, DP = 9.33$), $t(388) = -2.53, p = .012, d = -0.26$, IC a 95% [-6.17; -0.90], e na escala do pai, em que os adolescentes adotados apresentam valores estatisticamente superiores ($M = 49.67, DP = 9.91$) quando comparados com a amostra do referido estudo ($M = 45.17, DP = 10.79$), $t(349) = -2.56, p = .011, d = -0.27$, IC a 95% [-7.80; -1.20].

De igual forma, na dimensão da comunicação é possível verificar que os adolescentes adotados apresentam pontuações superiores às dos adolescentes da amostra do citado estudo (Barroso & Barbosa-Ducharne, (*submitted*), quer para a escala da mãe (adolescentes adotados: $M = 43.00, DP = 9.88$; amostra comparativa: $M = 39.66, DP = 9.16$), $t(388) = -2.38, p = .018, d = -0.24$, IC a 95% [-6.31; -0.38], quer para a escala do pai (adolescentes adotados: $M = 40.26, DP = 11.72$; amostra comparativa: $M = 35.75, DP = 10.41$), $t(349) = -2.59, p = .010, d = -0.28$, IC a 95% [-8.33; -0.69].

Na dimensão da alienação verificaram-se resultados inversos, visto que se verifica que os adolescentes do presente estudo apresentam pontuações significativamente inferiores à amostra comparativa, quer para a escala da mãe (adolescentes adotados: $M = 13.02, DP = 5.61$; amostra comparativa: $M = 14.95, DP = 6.55$) $t(388) = 1.98, p = .048, d = 0.20$, IC a 95% [0.20; 3.66], quer para a escala do pai (adolescentes adotados: $M = 13.14, DP = 6.62$; amostra comparativa: $M = 16.49, DP = 6.99$) $t(349) = 2.93, p = .004, d = 0.31$, IC a 95% [1.15; 5.55].

3.2 Impacto da história prévia à adoção na percepção de vinculação dos adolescentes adotados

Foram realizados testes t para amostras independentes para verificar se os adolescentes adotados diferem nas suas pontuações nas dimensões do IPPA, em função da existência de um irmão biológico na família adotiva. A análise respeitante aos irmãos

demonstra que os adolescentes que têm um irmão biológico integrado na mesma família adotiva demonstram uma pontuação inferior nas dimensões de alienação relativa ao pai, do que os adolescentes que não têm um irmão biológico na família, $t(40) = 2.11, p = .04, d = 0.67$, IC a 95% [0.07; 8.25]. O mesmo não se verifica na subescala de alienação relativa à mãe, $t(48) = .22, p = .82$, ns. Não foram encontradas diferenças significativas entre estes dois grupos nas restantes dimensões de confiança (mãe: $t(48) = -.82, p = .41$, ns; pai: $t(40) = -1.82, p = .08$, ns) e de comunicação (mãe: $t(48) = -.54, p = .59$, ns; pai: $t(40) = -1.97, p = .06$, ns).

Foram realizadas análises de variância (ANOVA) unifatoriais com o intuito de perceber se as pontuações nas dimensões do IPPA diferiam em função da idade de adoção, número de transições, tipo de acolhimento e experiências na família biológica.

Não foram encontradas diferenças significativas nas pontuações obtidas no IPPA em função da idade de adoção (0-2; 3-5; 6 ou mais) dos adolescentes, quer para as subescalas da mãe [confiança: $F(2,47) = .04, p = .96$, ns; comunicação: $F(2,47) = .31, p = .73$, ns; alienação: $F(2,47) = .02, p = .98$, ns], quer para as subescalas do pai [confiança: $F(2,39) = .46, p = .64$, ns; comunicação: $F(2,39) = .31, p = .73$, ns; alienação: $F(2,39) = .31, p = .73$, ns].

O mesmo acontece no que respeita ao número de contextos de acolhimento prévio, não havendo diferenças significativas entre os adolescentes que passaram por 1, 2 ou 3 contextos, no valor das subescalas da mãe [confiança: $F(2,46) = .41, p = .66$, ns; comunicação: $F(2,46) = .37, p = .69$, ns; alienação: $F(2,46) = .73, p = .49$, ns], e no valor das subescalas do pai [confiança: $F(2,38) = .53, p = .59$, ns; comunicação: $F(2,38) = .06, p = .94$, ns; alienação: $F(2,38) = .05, p = .95$, ns].

Também não foram encontradas diferenças significativas em função das experiências na família biológica (abandono, negligência, maus-tratos), nas subescalas relativas à mãe [confiança: $F(3,43) = 1.24, p = .31$, ns; comunicação: $F(3,43) = 1.22, p = .31$, ns; alienação: $F(3,43) = .83, p = .49$, ns], ou ao pai [confiança: $F(3,36) = .76, p = .52$, ns; comunicação: $F(3,36) = .79, p = .51$, ns; alienação: $F(3,36) = 1.02, p = .32$, ns].

Os resultados revelam igualmente que não existem diferenças entre os adolescentes que foram acolhidos por famílias de acolhimento, em acolhimento residencial e aqueles que nunca passaram por nenhum destes contextos, nas subescalas da mãe [confiança: $F(1,45) = .04, p = .84$, ns; comunicação: $F(1,45) = .01, p = .91$, ns; alienação: $F(1,45) = .05, p = .83$, ns], e nas subescalas do pai [confiança: $F(1,38) = 1.23, p = .28$, ns; comunicação: $F(1,38) = .17, p = .68$, ns; alienação: $F(1,38) = .41, p = .53$, ns].

Foram ainda realizados coeficientes de correlação de *Pearson*, no sentido de averiguar associações entre os valores obtidos nas dimensões do IPPA e o tempo de adoção, o tempo de permanência em acolhimento e o tempo de permanência na família biológica. Os resultados demonstram a existência de correlações baixas não significativas entre o tempo de adoção e os valores obtidos nas subescalas do IPPA para a mãe [confiança: $r = .15$, $p = .29$, ns; comunicação: $r = -.20$, $p = .18$, ns; alienação: $r = -.08$, $p = .56$, ns], e para o pai [confiança: $r = -.09$, $p = .57$, ns; comunicação: $r = .01$, $p = .95$, ns; alienação: $r = .02$, $p = .91$, ns]

É possível verificar que as correlações entre o tempo de permanência em acolhimento e as subescalas para a mãe [confiança: $r = -.20$, $p = .18$, ns; comunicação: $r = -.14$, $p = .34$, ns; alienação: $r = .13$, $p = .39$, ns], e para o pai [confiança: $r = -.16$, $p = .34$, ns; comunicação: $r = -.16$, $p = .38$, ns; alienação: $r = .14$, $p = .40$, ns], são nulas ou fracas e não significativas.

O mesmo acontece para as correlações entre o tempo de permanência na família biológica e os valores obtidos nas subescalas do IPPA para a mãe [confiança: $r = .15$, $p = .33$, ns; comunicação: $r = .06$, $p = .71$, ns; alienação: $r = -.05$, $p = .76$, ns] e para o pai [confiança: $r = .28$, $p = .08$, ns; comunicação: $r = .23$, $p = .15$, ns; alienação: $r = -.20$, $p = .21$, ns].

3.3 Análise de excertos de discurso de adolescentes e mães acerca da qualidade da sua relação

Com vista a compreender um pouco melhor a percepção de vinculação nesta amostra, foram selecionados 6 adolescentes e respetivas figuras parentais, para os quais foi realizada uma análise qualitativa de alguns excertos das entrevistas realizadas. Da entrevista realizada aos adolescentes foram analisadas as respostas às seguintes perguntas: “O que fazes quando estás triste ou preocupado?”, “Como é a tua relação com a tua mãe?”. Foi apenas selecionada a resposta da relação com a mãe, uma vez que para estes 6 sujeitos, foi a mãe que respondeu à entrevista parental correspondente, e que se identificou como a figura mais próxima do adolescente. No que diz respeito à entrevista realizada à figura parental, foi analisada apenas a resposta à pergunta “Alguma vez se sentiu rejeitada como mãe?”.

Após uma leitura inicial, procedeu-se à codificação do material, da qual surgiram as categorias apresentadas nas tabelas 3 e 4.

“Inserir tabelas 3 e 4”

Foram criadas três categorias para a análise dos excertos da entrevista dos adolescentes. A primeira diz respeito à ativação do comportamento de vinculação, em que as subcategorias foram criadas de maneira a descrever de que forma o adolescente se comporta perante uma situação emocionalmente negativa. A segunda categoria remete para a descrição da relação com a figura parental, sendo que as subcategorias permitem classificar a qualidade da descrição. A última categoria é a afetividade na relação com a mãe e as subcategorias correspondentes permitem avaliá-la como positiva ou negativa.

Para a resposta das mães foi criada apenas uma categoria, a da rejeição, sendo que as subcategorias permitem classificar os pais que já se sentiram rejeitados pelos seus filhos adotivos, e aqueles que não o sentiram.

Os resultados e categorização estão apresentados na tabela 5, juntamente com a pontuação dos sujeitos nas subescalas do IPPA.

“Inserir tabela 5”

É possível verificar que dos 6 adolescentes, 5 não recorrem aos pais, ou a qualquer outra figura, quando se encontram perante uma situação emocional negativa, verbalizando que não têm a quem recorrer, ou que não recorrem por escolha própria. Verifica-se igualmente que nenhum adolescente foi capaz de descrever a sua relação com a mãe de forma clara e coerente, recorrendo a exemplos pobres ou não sendo capaz de exemplificar. Apenas dois adolescentes fizeram referência à qualidade afetiva da sua relação com a mãe, sendo uma delas negativa, e outra positiva. Os restantes jovens não fizeram qualquer referência aos aspetos afetivos da relação com a mãe. Todos os 6 adolescentes apresentam pontuações altas nas dimensões de confiança e comunicação e baixas na alienação.

Em relação às mães, é possível verificar que 4 já sentiram rejeição por parte dos filhos, sendo que apenas 1 diz nunca se ter sentido rejeitada como mãe.

4. Discussão

O presente estudo teve como primeiro objetivo verificar o impacto das experiências prévias à adoção na perceção de vinculação dos adolescentes adotados. Foi possível verificar que os adolescentes adotados deste estudo apresentam pontuações elevadas para as dimensões da confiança e comunicação, e valores baixos na dimensão da alienação. Quando

comparados com uma amostra alargada de jovens portugueses (Barroso & Barbosa-Ducharne, *submitted*), verificou-se que os adolescentes adotados demonstram resultados significativamente superiores nas dimensões de confiança e comunicação, relativamente aos adolescentes da amostra comparativa, e pontuações significativamente inferiores na dimensão da alienação. Assim, os adolescentes adotados participantes demonstram pontuações que sugerem relações de vinculação de maior segurança que os adolescentes da amostra comparativa.

Contrariamente à tendência demonstrada na literatura, os adolescentes adotados participantes não diferem nas suas pontuações nas dimensões do IPPA, em função da sua história prévia à adoção. Nas comparações realizadas entre os adolescentes do sexo feminino e do sexo masculino, apenas foram encontradas diferenças significativas na dimensão da alienação para a mãe, contudo esta significância é fraca. Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas para estes dois grupos nas restantes dimensões.

No que respeita à existência de um irmão biológico na mesma família adotiva, verificou-se que apenas se encontram diferenças nas pontuações relativas à alienação ao pai, demonstrando que os adolescentes com irmãos biológicos apresentam menores valores nesta subescala do que os adolescentes que não têm irmãos biológicos integrados na mesma família. Contudo, esta significância encontrada é fraca. Não foram encontradas diferenças para estes grupos nas restantes dimensões. Desta forma, contrariamente aos estudos levados a cabo por Román e colaboradores (2012), não é possível afirmar que a adoção múltipla tenha funcionado como fator protetor nas relações de vinculação dos adolescentes adotados participantes.

Ao contrário dos resultados descritos por outros autores (e.g. Howe, 2001; Steele, Hodges, Kaniuk, & Steele, 2010), não foram verificadas diferenças significativas na perceção de vinculação dos adotados em função da idade de adoção. Igualmente, não foram encontradas diferenças na qualidade da relação entre pais e adolescentes em função do número de contextos de acolhimento, contrariamente ao sugerido por Gauthier, Fortin, & Jeliu (2004). O tipo de acolhimento (residencial vs familiar) também não demonstrou ter impacto nas dimensões de vinculação.

Inversamente ao que foi descrito por Howe (2003), as experiências de maus-tratos, abuso e negligência vivenciadas com a família biológica, não influenciam a perceção de vinculação desta amostra de adolescentes adotados. Da mesma forma, contrariamente aos resultados reportados por Chisholm (1998), o tempo de permanência em acolhimento não

apresenta qualquer tipo de correlação com as dimensões de vinculação nesta amostra, bem como o tempo de permanência na família biológica.

Alguns estudos (e.g. Chisholm, 1998; Pace & Zavattini, 2011; Vorria, Ntouma, Vairami & Rutter, 2015) sugerem que as relações de vinculação poderão melhorar ao longo do tempo de permanência na família adotiva, contudo, nesta amostra não foi possível verificá-lo, uma vez que o tempo de adoção não aparece correlacionado com nenhuma das pontuações obtidas nas dimensões avaliadas pelo IPPA.

A reflexão acerca dos resultados acima descritos permitiu levantar algumas questões. Por que razão estes adolescentes, com experiências de pré-adoção tão diversas, não diferem significativamente nas suas relações de vinculação aos pais adotivos? O que justifica valores tão elevados nas dimensões de confiança e comunicação, e tão baixos na alienação, quando o desenvolvimento destes jovens foi marcado por severa adversidade e descontinuidade?

Com o objetivo de compreender um pouco melhor estes resultados, foi realizada uma análise qualitativa a alguns excertos das entrevistas realizadas a 6 adolescentes adotados e respetiva figura parental, comparando o seu conteúdo às pontuações obtidas pelos adolescentes nas dimensões do IPPA. Foi possível verificar que as relações de vinculação destes sujeitos não são tão positivas quanto aparentam ser nos resultados do IPPA. De facto, destes 6 adolescentes, a maioria não recorre aos pais ou a qualquer outra figura perante uma situação emocional negativa, nem consegue descrever de forma clara e rica a relação com a mãe. Também é possível verificar que mais de metade destes adolescentes não faz referência aos aspetos afetivos da relação. Para além disto, a maioria das mães destes adolescentes dizem já ter sentido rejeição por parte do seu filho.

Estes resultados sugerem uma sobreavaliação das pontuações do IPPA, o que poderá associar-se a duas razões. A primeira razão poderá estar relacionada com o facto de o instrumento utilizado para medir a perceção de vinculação não ser adequado para este tipo de amostra e especificidades das relações no contexto da adoção.

A segunda está relacionada com a possibilidade de estes adolescentes idealizarem a sua relação com as figuras parentais, ou com um medo de expor as fragilidades dessa relação. O facto de atribuírem pontuações tão favoráveis no que diz respeito à confiança e comunicação poderá dever-se à necessidade de preservar a relação que têm com os pais adotivos, pelo medo de transmitir a imagem de uma adoção mal sucedida. Em contexto de entrevista, apesar de a maioria dos adolescentes tentar descrever a relação com a mãe de forma positiva, os resultados da análise do material demonstram o contrário. A análise do discurso dos adolescentes e suas mães demonstra que estas relações de vinculação são

marcadas por fragilidades, que contrariam os resultados acima da média obtidos através de um instrumento de resposta em escala, que permite facilmente mascarar a realidade da relação. Os resultados sugerem que os adolescentes não reportam uma visão realista da relação com os pais, demonstrado pelo contraste na comparação dos dados quantitativos com os dados qualitativos. Os adolescentes deste estudo classificam a relação aos pais quase como utópica, mostrando desejo de reafirmar e reforçar uma boa relação, possivelmente motivados por um grande desejo de pertença à nova família.

Este estudo apresenta algumas limitações. A primeira limitação é o número de participantes, que inviabilizou análises de maior complexidade. A segunda limitação prende-se com o facto de apenas ter sido reportada a análise de conteúdo das entrevistas a 6 adolescentes participantes e respetivas mães, o que dificulta a extrapolação de alguns resultados. A terceira limitação é o facto de apenas serem avaliadas respostas a duas perguntas das entrevistas realizadas aos adolescentes, e uma pergunta da entrevista realizada com os pais. Desta forma, o material analisado é reduzido, e apenas permite explorar alguns aspetos da relação pais/filhos.

Apesar das suas limitações, este estudo contribui com pistas importantes para investigação futura. Uma das vantagens do estudo é avaliar a vinculação quer para a figura paterna, quer para a figura materna. O facto de os resultados elevados obtidos nas dimensões de confiança e comunicação terem sido rebatidos por uma análise mais detalhada, colocam em perspetiva a forma como as relações de vinculação devem ser estudadas e interpretadas. Poderá ser pertinente continuar a estudar a discrepância entre a imagem que os adolescentes têm da sua relação com os pais adotivos, e a realidade dessa mesma vinculação, verificando como é que esta idealização influencia as interações pais/filhos. Para além disso, também seria pertinente incluir na investigação a perspetiva dos pais, comparando a forma como estes percebem as relações com os seus filhos adotivos, com a perspetiva dos adolescentes adotados.

5. Conclusões

Este estudo dá o seu contributo, demonstrando que os resultados obtidos acerca da vinculação dos adolescentes adotados poderão ser enviesados pela idealização da relação que têm com os pais. Desta forma, este estudo vem revelar que dever-se-á ter algum cuidado na interpretação dos resultados, quando estes são fruto de uma avaliação em instrumentos

de resposta em escala, que no caso específico dos adolescentes adotados poderão não traduzir a riqueza de informação acerca das relações de vinculação, e que poderão esconder nas suas entrelinhas interpretações e significados relevantes. Este contributo é digno de nota no desenho de estudos na área em populações de adotados, apelando à riqueza da metodologia mista que integra uma abordagem qualitativa para além dos dados meramente quantitativos. Do mesmo modo, na retirada de implicações para a prática de intervenção junto de adolescentes que foram adotados, este estudo assinala a necessidade de uma atenção particular à estrutura e coerência do discurso dos adolescentes, desmontando uma narrativa idealizada e defensiva na abordagem de conteúdos emocionalmente significativos como a qualidade da relação com os pais por adoção.

Referências bibliográficas

- Ainsworth, M., & Bowlby, J. (1991). An ethological approach to personality development. *American Psychologist*, 46, 331-341. doi: 10.1037/0003-066X.46.4.333
- Allen, J., & Land, D. (1999). Attachment in adolescence. In J. Cassidy, & P. R. Shaver (eds), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 319-335). New York: The Guilford Press.
- Armsden, G., & Greenberg, M. (1987). *Journal of Youth and Adolescence*, 16(5), 427-454. doi: 10.1007/BF02202939
- Ávila, M., Cabral, J., & Matos, P. (2010). Vinculação parental e relações românticas: o papel mediador da regulação emocional e da identidade. *Psicologia, Educação e Cultura*, XIV(1), 165-186.
- Barbosa-Ducharne, M., Barroso, R., Ferreira, J. (2012). Entrevista sobre o Processo de Adoção - EPA-A. Versão para investigação não publicada. Porto: FPCEUP.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barroso, R., & Barbosa-Ducharne, M. (submitted). Parent's Attachment in adopted adolescents.
- Berástegui, A., & Gómez, B. (2009). El derecho del niño a vivir en familia. *Miscelánea Comillas*, 67(130), 175-198.
- Boswell, S., & Cudmore, L. (2014). 'The children were fine': acknowledging complex feelings in the move from foster care into adoption. *Adoption & Fostering*, 38(1), 5-21. doi: 10.1177/0308575914522558
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss*, Vol. 2: Separation, anxiety and anger. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss*, Vol. 3: Loss, sadness and depression. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1982). *Attachment and loss*, Vol. 1: Attachment. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1988). *The secure base: clinical applications of attachment theory*. London: Routledge.

- Brodzinsky, D. (2011). Children's understanding of adoption: developmental and clinical implications. *Professional Psychology: Research and Practice*, 42(2), 200-207. doi: 10.1037/a0022415
- Chisholm, K. (1998). A three year follow-up of attachment and indiscriminate friendliness in children adopted from Romanian orphanages. *Child Development*, 69(4), 1092–1106. doi: 10.2307/1132364
- Escobar, M., Pereira, X., & Santelices, M. (2014). Behaviour problems and attachment in adopted and non-adopted adolescents. *Children and Youth Services Review*, 42, 59–66. doi: 10.1016/j.chilyouth.2014.04.001
- Escobar, M., & Santelices, M. (2013). Attachment in adopted adolescents. National adoption in Chile. *Children and Youth Services Review*, 35, 488–492. doi: 10.1016/j.chilyouth.2012.12.011
- Ferreira, J., Barroso, R., & Barbosa-Ducharne, M. (2013). Entrevista a Adolescentes Adotados – EAA. Versão para investigação não publicada. Porto: FPCEUP.
- Fraley, R., & Davis, K. (1997). Attachment formation and transfer in young adults' close relationships and romantic relationships. *Personal Relationships*, 4, 131-144. doi: 10.1111/j.1475-6811.1997.tb00135.x
- Gauthier, Y., Fortin, G., & Jeliu, G. (2004). Clinical application of attachment theory in permanency planning for children in foster care: The importance of continuity of care. *Infant Mental Health Journal*, 25, 379–396. doi: : 10.1002/imhj.20012
- Grant-Marsney, H., Grotevant, H., & Sayer, A. (2015). Links between Adolescents' Closeness to Adoptive Parents and Attachment Style in Young Adulthood. *Family Relations*, 64(2), 221–232. doi: 10.1111/fare.12113
- Howe, D. (2001). Age placement, adoption experience and adult adopted people's contact with their adoptive and birth mothers: An attachment perspective. *Attachment & Human Development*, 3(2), 222–237. doi: 10.1080/14616730110058025
- Howe, D. (2003). Attachment disorders: Disinhibited attachment behaviours and secure base distortions with special reference to adopted children. *Attachment & Human Development*, 5(3), 265 – 270. doi: 10.1080/14616730310001593965
- Martins, C. (2011). *Manual de análise de dados quantitativos com recurso ao IBM SPSS*. Braga: Psiquilibros Edições.

- Matos, P., & Costa, M. (2006). Vinculações aos pais e ao par romântico em adolescentes. *Psicologia*, *XX*(1), 97-126.
- McLaughlin, K., Zeanah, C., Fox, N., & Nelson, C. (2012). Attachment security as a mechanism linking foster care placement to improved mental health outcomes in previously institutionalized children. *Journal of Child Psychology*, *53*(1), 46-55. doi: 10.1111/j.1469-7610.2011.02437.x
- Neves, L., Soares, I., & Silva, M. (1999). Inventário da Vinculação na Adolescência – I.P.P.A. In Almeida, L., Gonçalves, M., & Simões, M. (eds.), *Testes e Provas Psicológicas em Portugal*, vol. II, (pp. 37-48). Braga: APPORT.
- Pace, C. S., & Zavattini, G. C. (2011). ‘Adoption and attachment theory’ the attachment models of adoptive mothers and the revision of attachment patterns of their late-adopted children. *Child: Care, Health and Development*, *37*, 82–88. doi: 10.1111/j.1365-2214.2010.01135.x
- Pace, C., Zavattini, G., & Tambelli, R. (2015). Does family drawing assess attachment representations of late-adopted children? A preliminary report. *Child and Adolescent Mental Health*, *20*(1), 26–33. doi:10.1111/camh.12042
- Palacios, J., & Brodzinsky, D. (2010). Adoption research: trends, topics and outcomes. *International Journal of Behaviour Development*, *34*(3), 270-284. doi: 10.1177/0165025410362837
- Román, M., & Palacios, J. (2011). Separación, perdida y nuevas vinculaciones: el apego en la adopción. *Acción Psicológica*, *8*(2), 99-111. doi: <http://dx.doi.org/10.5944/ap.8.2.446>
- Román, M., Palacios, J., Moreno, C., & López, A. (2012). Internal working models of attachment in internationally adopted children. *Attachment and Human Development*, *14*(6), 585-600. doi: 10.1080/14616734.2012.727257
- Steele, H., & Steele, M. (2005). The construct of coherence as an indicator of attachment security in middle childhood: The Friends and Family Interview. In Kerns, K., & Richardson, R. (eds.), *Attachment in middle childhood*, (pp 137-160). New York: Guilford Press.
- Steele, H., Steele, M., Croft, C., & Fonagy, P. (1999). Infant-Mother Attachment at One Year predicts Children’s Understanding of Mixed Emotions at Six Years. *Social Development*, *8*, 161-177. doi: 10.1111/1467-9507.00089

- Steele, M., Hodges, J., Kaniuk, J., & Steele, H. (2010). Mental representation and change: Developing attachment relationships in an adoption context. *Psychoanalytic Inquiry, 30*, 25–40. doi: 10.1080/07351690903200135
- Van den Dries, L., Juffer, F., van IJzendoorn, M., & Bakermans-Kranenburg, M. (2009). Fostering security? A meta-analysis of attachment in adopted children. *Children and Youth Services Review, 31*, 410–421. doi:10.1016/j.childyouth.2008.09.008
- Van IJzendoorn, M. H., & Juffer, F. (2006). The Emanuel Miller Memorial Lecture 2006: Adoption as intervention. Meta-analytic evidence for massive catch-up and plasticity in physical, socio emotional and cognitive development. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 47*(12), 1228–1245. doi: 10.1111/j.1469-7610.2006.01675.x
- Vorria, P., Ntouma, M., Vairami, M., & Rutter, M. (2015). Attachment relationships of adolescents who spent their infancy in residential group care: The Greek Metera study. *Attachment & Human Development, 17*(3), 257-271. doi: 10.1080/14616734.2015.1028947
- Waters, E., & Cummings, E. (2000). A secure base from which to explore close relationships. *Child Development, 71*, 164-172. doi: 10.1111/1467-8624.00130

Tabela 1

Características dos adolescentes adotados participantes e informações relativas à história prévia à adoção

		N	%	M (DP)	Min-Max
Sexo	Masculino	29	58.0		
	Feminino	21	42.0		
Idade				15.30 (2.32)	12-22
Experiências com a família biológica	Inexistência de experiências	14	30.0		
	Abandono	11	23.4		
	Negligência	17	36.2		
	Maus-tratos	5	10.6		
Tempo na família biológica (meses)				17.21 (22.52)	0-96
Tipo de acolhimento	Acolhimento residencial	25	53.2		
	Família de acolhimento	22	46.8		
Tempo de acolhimento (meses)	Acolhimento residencial			24.22 (32.17)	0-132
	Família de acolhimento			19.69 (23.03)	0-9
	Total			37.06 (28.30)	0-132
Idade de adoção	0-2	15	30.0		
	3-5	19	38.0		
	>6	16	32.0		
	Total			4.58 (3.39)	0-14
Tempo de adoção (anos)				10.72 (3.89)	3-21.5

Tabela 2

Medidas descritivas das dimensões de confiança, comunicação e alienação dos adolescentes adotados

	Mãe	Pai	<i>t</i>	<i>p</i>
	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>		
Confiança	50.16 (8.61)	49.67 (9.91)	0.02	.98 ns
Comunicação	43.00 (9.88)	40.26 (11.72)	1.66	.10 ns
Alienação	13.02 (5.61)	13.14 (6.62)	0.29	.77 ns

Tabela 3

Sistema de categorias, subcategorias e código relativos ao discurso dos adolescentes adotados

Categoria	Subcategoria	Código
1. Ativação do comportamento de vinculação	a) Recorre à figura de vinculação	[1A]
	b) Não recorre a qualquer figura de vinculação	[1B]
2. Caracterização da relação	a) Caracterização rica em exemplos e coerente	[2A]
	b) Caracterização pobre relacionada com aspetos instrumentais da relação	[2B]
	c) Não consegue caracterizar a relação/ caracterização incoerente	[2C]
3. Afetividade	a) Positiva	[3A]
	b) Negativa	[3B]

Tabela 4

Sistema de categorias, subcategorias e código relativos ao discurso das mães dos adolescentes adotados

Categorias	Subcategorias	Código
4. Rejeição	a) Nunca se sentiu rejeitada	[4A]
	b) Já se sentiu rejeitada	[4B]

Tabela 5

Codificação dos excertos retirados da entrevista com os adolescentes adotados e das suas mães.

Nº do Sujeito	Adolescentes		Mãe	Valores do IPPA	
	O que fazes quando estás triste ou preocupado?	Como é a tua relação com a tua mãe?	Alguma vez se sentiu rejeitada como mãe?		
3	A - Ouço musica.	A - Cão e Gatos. Estamo-nos sempre	M- Sim (...) houve uma altura em que tem	Mãe	Pai
	<i>E - E mais?</i>	a picar uma à outra. Estamos sempre a discutir	as empregadas do parque nascente, as que andam		
	A - Mais nada.	e depois ao mesmo tempo... E depois ao mesmo	lá a levantar os tabuleiros, eu antes de vir para aqui,	Confiança	Confiança
	<i>E - Há alguém com quem possas falar ou a quem possas pedir ajuda?</i>	tempo já estamos a brincar. Sei lá, um dia sim	ela ia sempre para a minha beira, eu nunca a	40,00	48,00
	A. A ninguém.	um dia não.	deixava em casa. Aqui está mais perto do pai ou	Comunicação	Comunicação
	<i>E - Podes me falar um bocadinho sobre uma situação em que tenhas estado triste ou preocupada com alguma coisa?</i>	<i>E - Então dá-me lá um exemplo de um dia em que estavam a brincar e no outro dia já estavam a discutir.</i>	vai ter com a avó, lá não, era completamente	27,00	36,00
	(...)	A – (Pausa) Neste fim-de-semana, no	diferente (...) eu levava-a muitas vezes comigo, ela	Alienação	Alienação
	A - Não sei, com medo que me tirassem daqui.	sábado estava tudo bem e depois no domingo,	sentava-se e levava os livros e estava a estudar e	16,00	17,00
	<i>E - Com medo que te tirassem daqui desta casa, desta família? E não falaste sobre isso a ninguém?</i>	puf.	ouve uma empregada e ainda hoje é ‘oh minha filha’ na brincadeira, e há uma altura em que lhe pergunta se a Ana quer ir para casa dela, e ela disse que sim. E aquilo caiu-me mal, e eu senti-me um bocado... Eu acho que... ela vai com toda a gente, mas ali houve qualquer coisa que não bateu certo.		
	A - Não. [1B]	<i>E - Discutiram?</i>	[4B]		

Nota: E = Entrevistador, A = Adolescente, M= Mãe. Pontuação máxima possível das dimensões: Confiança: 60; Comunicação: 54; Alienação: 36.

(Continua)

Tabela 5 (continuação)

Nº do Sujeito	Adolescentes		Mãe	Valores do IPPA	
	O que fazes quando estás triste ou preocupado?	Como é a tua relação com a tua mãe?	Alguma vez se sentiu rejeitada como mãe?		
20	A- Ocupo-me com qualquer coisa, arranjo algo para fazer.	E - Podes falar um pouco da tua relação com a tua mãe?	M- É assim rejeição não, são aquelas rejeições inconscientes das crianças quando não têm o que querem- Mas rejeição acho que não! [4A]	Mãe	Pai
	<i>E- Como por exemplo?</i>	A - É boa.		Confiança	Confiança
	A- Jogar futebol descontraí-me muito. Tento ver se está alguém aqui num campo perto. Descontraí-me um bocado!	<i>E - Boa como?</i>		55,00	55,00
	<i>E- E depois de jogar futebol como te sentes?</i>	A - Pois. Ora acho que é boa porque a minha mãe gosta de mim e acho que é isso. E eu gosto dela também. [3A]		Comunicação	Comunicação
	A- Mais contente. Não tão contente, mas um bocado aliviado.	<i>E - Então como te sentes quando tu e a tua mãe estão juntos?</i>		49,00	54,00
	<i>E- E achas que o futebol ajuda a aliviar?</i>	A - Bem, sinto que à beira dela sinto que sou mesmo filho dela.		Alienação	Alienação
	A- Ajuda, pelo menos a mim sim. Eu gosto!	<i>E - E quando não estás à beira dela não sentes o mesmo?</i>		11,00	6,00
	E- E há alguém com quem possas falar e pedir ajuda nestes momentos?	A - Sinto, mas não é com tanta ligação. [2C]			
	A- Sim, o meu irmão. [1A]				
	E- Será que podias falar um bocadinho de uma situação em que tenhas estado triste ou preocupado?				
A- Triste? Quando o meu avô faleceu, uma das pessoas com quem falei mais foi com o meu irmão.					

Nota: E = Entrevistador, A = Adolescente, M= Mãe. Pontuação máxima possível das dimensões: Confiança: 60; Comunicação: 54; Alienação: 36.

(Continua)

Tabela 5. (continuação)

Nº do Sujeito	Adolescentes		Mãe	Valores do IPPA	
	O que fazes quando estás triste ou preocupado?	Como é a tua relação com a tua mãe?	Alguma vez se sentiu rejeitada como mãe?		
25	A – Vou confessar, à noite rezo um bocadinho. Quando estou triste tenho tendência a isolar-me. Às vezes se a tristeza for tanta chego...pronto, choro, como todas as pessoas. Quando estou preocupada também me isolo. Preocupada também rezo à noite. Não chego a chorar mas é uma coisa que me fica ali a matutar na cabeça e depois destrói-me por dentro, digamos assim. E se calhar é uma coisa que não tinha tanta importância e estou-me a preocupar sem necessidade. E estou-me a destruir por dentro sem necessidade. [1B]	A – Sinto-me bem. Um bocado nervosa porque... às vezes tenho medo de dizer alguma coisa que a possa magoar ou que a possa deixar preocupada ou que ela fique triste. [2C] [3B]	M - Rejeitada nunca me senti, eh... mas... que ela possa fazer comparações... M - ...entre mim e a tal mãe imaginária... Sim. <i>E - E que tipo de comparações é que ela faz?</i> M - Não, se calhar quando eu estou mais, mais dura... Quando lhe puxo as orelhas ou assim, ela deve pensar “será que a minha mãe também me fazia assim?” ou “será que a minha mãe biológica iria ser assim?”. M - “Iria-me tratar assim, ou iria me ralar assim?”. Acho isso. [4B] <i>E - Ela verbaliza ou acha que só pensa?</i> M - Não, não verbaliza.	Mãe Confiança 56,00 Comunicação 41,00 Alienação 10,00	Pai Confiança 54,00 Comunicação 35,00 Alienação 8,00

Nota: E = Entrevistador, A = Adolescente, M= Mãe. Pontuação máxima possível das dimensões: Confiança: 60; Comunicação: 54; Alienação: 36.

(Continua)

Tabela 5. (continuação)

Nº do Sujeito	Adolescentes		Mãe	Valores do IPPA	
	O que fazes quando estás triste ou preocupado?	Como é a tua relação com a tua mãe?	Alguma vez se sentiu rejeitada como mãe?		
33	<i>E - Geralmente quando estás triste ou preocupado o que é que fazes?</i>	A - É boa mas... de vez em quando tem altos e baixos.	M - Sim, sim, num dia em que ele estava aqui a portar-se muito mal à mesa a ser muito desagradável para mim e para o avô e eu mandei-o para o quarto e ele disse não ía e eu peguei nele pelo braço, empurrei-o para o quarto, mas ele tem mais força do que eu. Foi quase um jogo de força e depois pegou nas coisas, saiu porta fora, foi-se embora. (...)	Mãe	Pai
	A - Vou para o quarto e deito-me na cama...	<i>E - O que é que é uma relação boa?</i>	o para o quarto e ele disse não ía e eu	Confiança	Confiança
	<i>E - E depois, o que acontece? Vais para o quarto, deitas-te na cama e depois, quando é que voltas a sair de lá?</i>	A - Eu respeito-a e ela respeita-me a mim... aí já começa a ser uma relação boa! E é por isso que eu digo que a nossa relação é boa... respeitamo-nos.	peguei nele pelo braço, empurrei-o para o quarto, mas ele tem mais	47,00	NA
	A - 30, 40 minutos	<i>E - Consegues pensar num exemplo que mostre que a tua relação com a tua mãe é boa?</i>	força do que eu. Foi quase um jogo	Comunicação	Comunicação
	<i>E - E o que é que acontece nesses 30 ou 40 minutos?</i>	A - Sim... sempre que lhe peço alguma coisa ela dá-me sempre que pode...	de força e depois pegou nas coisas,	41,00	NA
	A - Fico a pensar no que aconteceu...	<i>E - Como é que tu te sentes quando tu e ela estão juntos?</i>	saiu porta fora, foi-se embora. (...)	Alienação	Alienação
	<i>E - Quando estás com algum problema há alguém a quem possas pedir ajuda?</i>	A - Bem... normal, confortável...	depois já era meia noite e eu a tentar ligar depois lá acabou por falar comigo. [4B]	10,00	NA
	A - Haver até há, a minha mãe, só que eu não lhe peço... [1B]	<i>E - Consegues lembrar-te de uma situação em que te sentiste bem quando estavas com ela?</i>			
	<i>E - E porque é que não lhe pedes?</i>	A - Eu no terceiro ano liguei a pedir para ela me vir buscar à escola para almoçarmos juntos e ela veio... [2B]			
	A - Não sei...				
<i>E - Se pensares um bocadinho porque é que achas isso acontece?</i>					
A - Oh... para não arranjar mais problemas.					

Nota: E = Entrevistador, A = Adolescente, M= Mãe, NA = Não se aplica. Pontuação máxima possível das dimensões: Confiança: 60; Comunicação: 54; Alienação:

36.

(Continua)

Tabela 5. (continuação)

Nº do Sujeito	Adolescentes		Mãe	Valores do IPPA	
	O que fazes quando estás triste ou preocupado?	Como é a tua relação com a tua mãe?	Alguma vez se sentiu rejeitada como mãe?		
34	<p>A- Fico no quarto sozinha.</p> <p><i>E- E costumavas pedir ajuda à tua mãe ou a algum amigo ou ficas mesmo...</i></p> <p>A- Ssssi....não. À minha melhor amiga ou ao meu melhor amigo às vezes.</p> <p><i>E- E podés dar-me um exemplo de alguma situação em que aconteceu alguma coisa que te deixou preocupada ou triste e tu te isolaste mas depois falaste, pediste ajuda aos teus amigos ou uma opinião, um conselho?</i></p> <p>A- Não sei, não sei.</p> <p><i>E- (...)optas por ficar mais sozinha ou falas com eles?</i></p> <p>A- Ocupo-me. [1B]</p>	<p>A- É assim, quando estamos nós as duas é diferente. É diferente mesmo. Ela é simpática, muito simpática até...e costumamos ir ao cinema e fazemos coisas juntas, brincar uma com a outra. Mas quando está o (irmão)...não é assim tão...tão...como estamos nós as duas.</p> <p><i>E- Mas porque é que achas que isso acontece?</i></p> <p>A - Não sei... [2C]</p>	<p>M - Sim, quando ela diz que se vai embora, que detesta esta família. Não é propriamente... eu não me s... sinto que ela, ela faz rejeição contra mim, mas não é que eu me sinta rejeitada eh... não, geralmente, relevo perfeitamente o que ela, esse tipo de comentários. Ela, ela deve senti-lo (...) é não acatar nada e achar-se o centro do mundo, que é o que ela se acha, neste momento é mesmo. A casa não interessa, o avô não interessa, o resto da família não interessa nada. Diz que é uma infeliz, coitadinha, e que prontos, que não interessa nada esta família, que devia ter outra e... e prontos. E começa a conversa do costume, que havia muitas mães que a queriam, paletes de mães e... e prontos. E eu disse, “pronto, mas agora azar, fui eu que te quis e agora não tens outra”, “ah, mas não sei quê...”, prontos, isso acaba logo. [4B]</p>	<p>Mãe</p> <p>Confiança 46,00</p> <p>Comunicação 42,00</p> <p>Alienação 15,00</p>	<p>Pai</p> <p>Confiança NA</p> <p>Comunicação NA</p> <p>Alienação NA</p>

Nota: E = Entrevistador, A = Adolescente, M= Mãe, NA = Não se aplica. Pontuação máxima possível das dimensões: Confiança: 60; Comunicação: 54; Alienação: 36.

(Continua)

Tabela 5. (continuação)

Nº do Sujeito	Adolescentes		Mãe	Valores do IPPA	
	O que fazes quando estás triste ou preocupado?	Como é a tua relação com a tua mãe?	Alguma vez se sentiu rejeitada como mãe?		
50	A - Escrevo no meu diário...	A - É boa...		Mãe	Pai
	E - E o que é que acontece depois de escreveres?	E - O que é que é isso ser uma relação boa?	(sem informação)		
	A - Nada...	A - Hum... (longo silêncio)		Confiança	Confiança
	E - porque é que escreves então?	E - Partilhas com a tua mãe coisas da tua vida?		46,00	55,00
	A - Não sei...	A - Não		Comunicação	Comunicação
	E - És capaz de me falar de uma situação em que te sentiste triste ou preocupada?	E - Desabafas com ela?		32,00	43,00
	A - (longo silêncio) Não em me lembro.	A - Não... [2C]		Alienação	Alienação
	E - Há alguém, quando estás triste ou preocupada, a quem recorras?			16,00	9,00
	A - Não...				
	E - Não falas com ninguém?				
A - Não! [1B]					

Nota: E = Entrevistador, A = Adolescente, M = Mãe. Pontuação máxima possível das dimensões: Confiança: 60; Comunicação: 54; Alienação: 36.